

**MIS
SIONÁ
RIOS
FERI
DOS**



Antonia Leonora van der Meer

MIS SIONÁ RIOS FERI DOS

*Como cuidar
dos que servem*



Editora Ultimato
Viçosa, MG

MISSIONÁRIOS FERIDOS
Categoria: Missões / Liderança / Igreja

Copyright © 2009, Antonia Leonora van der Meer
Todos os direitos reservados

Primeira edição: Março de 2009
Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro
Preparação e revisão: Paula Mazzini Mendes
Colaboração: Délnia Bastos
Diagramação: B. J. Carvalho
Capa: Caio Campana

Ficha Catalográfica Preparada pela Seção de Catalogação
e Classificação da Biblioteca Central da UFV

M495m
2009
Missionários feridos — como cuidar dos que servem /
Antonia Leonora van der Meer. — Viçosa, MG : Ultimato,
2009.
176p.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7779-026-5

1. Igrejas protestantes - Missões. 2. Sofrimento -
Aspectos religiosos - Igrejas protestantes. 3. Missionários -
Vida religiosa. 4. Missionários - Aspectos sociais. I. Título.

CDD. 22.ed. 266.4

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

EDITORA ULTIMATO LTDA
Caixa Postal 43
36570-000 Viçosa, MG
Telefone: 31 3611-8500
Fax: 31 3891-1557
www.ultimato.com.br

SUMÁRIO

Prefácio	7
Introdução	11
Parte um: Sofrimento e missão — modelos bíblicos	
1. A vida de Jesus	15
2. O ensino de Jesus	25
3. A vida de Paulo	33
4. O ensino de Paulo	49
Parte dois: Contextos atuais de sofrimento	
5. Guerra e violência	67
6. Problemas sociais	81
7. Perseguição	95
8. O preço	111
Parte três: Cuidado e apoio	
9. Valores bíblicos	119
10. Como cuidar dos que servem	127
Apêndice – Ouvindo os próprios missionários	155
Notas	165
Bibliografia	169



PREFÁCIO

A missão é a fé em movimento. Movimento do Espírito Santo, mas também movimento de homens e mulheres que se dedicam integralmente à obra do Senhor.

A fé é missionária porque é baseada na vida de Jesus de Nazaré, que desceu dos céus e, sendo Deus, viveu na terra como homem. É inspirada na Palavra de Deus, anunciada, pregada, para que todo aquele que crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

Quando nos debruçamos sobre a história da Igreja verificamos que, ao lado da Reforma e dos avivamentos, o movimento missionário é uma das suas páginas mais inspiradoras e desafiadoras.

No Brasil não poderia ser diferente. A consciência missionária, desde o Congresso Missionário Ibero-Americano (COMIBAM) em 1987, mobilizou o povo de Deus na obediência ao mandato de Jesus de anunciar o evangelho a todas as nações.

Muitos pastores foram despertados para missões, surgiram várias agências e um grande número de missionários foi enviado para as mais remotas áreas do Brasil e do exterior. Foram

muitas conferências, estratégias, treinamentos, levantamento de recursos, relatórios, testemunhos e livros.

No entanto, nem sempre se considerou que o mais importante em missões é a pessoa do missionário. Não se trata de um herói, mas de um ser humano com suas carências, dores e dificuldades. No afã de resultados, pouco se cuidou da pessoa do missionário.

Deixar a família, a cultura, uma profissão para se entregar a um outro povo, muitas vezes em situação de penúria, guerra, doenças endêmicas e perseguições, foi o contexto para o amadurecimento de muitos. Para outros, no entanto, gerou grande sofrimento, crise emocional e espiritual. Muita gente foi enviada, mas pouco cuidada, com pouca retaguarda pastoral e financeira.

Tonica escreve a partir de uma realidade que só quem vivenciou sabe o que representa. Ela serviu como missionária em Angola durante dez anos e, de volta ao Brasil, passou a se preocupar com a saúde integral (espiritual, física e emocional) do missionário. Desde 1996 trabalhando no Centro Evangélico de Missões (CEM), ela tem direcionado sua pesquisa acadêmica para o tema do cuidado pastoral de missionários, além de se envolver ativamente em programas de restauração de missionários. Por exemplo, ajudou a criar o Grupo de Cuidado Missionário, ligado à Associação Brasileira de Missões Transculturais.

Tenho o privilégio de conhecer Tonica desde 1973 e colaborar com ela nos encontros anuais de restauração para missionários no CEM. Ouvimos suas histórias, seus desafios, suas dores, mas acima de tudo aprendemos com eles, com sua dedicação, seu amor sacrificial, seu desprendimento, sua dependência de Deus e sua obediência. Lições preciosas desses que, certamente, representam aquilo que a igreja brasileira tem de melhor. Eles são a resposta de Deus para aqueles que

nunca ouviram o evangelho e que vivem em lugares remotos e carentes.

Missionários Feridos revela uma realidade que nos desafia, e o faz com sabedoria, integridade e compaixão. Dessa forma, se junta a outras importantes iniciativas surgidas nos últimos anos em favor dos missionários. Contribui para que eles tenham uma retaguarda cada vez mais eficiente no apoio espiritual e material quando do envio, e para que, ao voltar do campo, em vez de apenas enfrentar uma agenda pesada e muitos compromissos, possam ser cuidados, acolhidos, pastoreados, e encontrar descanso, restauração e encorajamento.

Sim, porque, o mais importante em missões é a pessoa do missionário.

Osmar Ludovico da Silva



INTRODUÇÃO

O crescimento do número de missionários brasileiros transculturais é motivo de alegria. Nossas limitações financeiras e nosso estilo de vida simples fazem com que nos encarnemos mais rapidamente em comunidades carentes.

Em 1989 havia 880 missionários transculturais; em 2005, esse número subiu para 3.195. O número de missionários atuando na Janela 10/40 cresceu de 44 em 1989 para 640 em 2005.

Há missionários brasileiros servindo em países como Angola, Moçambique e Guiné-Bissau – lugares assolados por guerras e desastres naturais, e que enfrentam situações de extrema pobreza. Recentemente, a igreja brasileira respondeu ao clamor do povo do Timor Leste, país que sofreu muito por causa da guerra e da destruição.

Vários missionários transculturais brasileiros servem em campos onde há muitas dificuldades e sofrimento, mas pouco cuidado pastoral ou apoio prático. Ainda hoje, alguns são

abandonados por suas igrejas e retornam ao Brasil, arrasados, sem esperança e em crise de fé. Isso mostra que ainda temos muito que aprender sobre como melhor apoiar e cuidar dos missionários.

Como esses missionários podem exercer seu ministério em contextos tão difíceis, enfrentando tantas necessidades? Os brasileiros geralmente vêm de famílias com muita interação e cuidado mútuo. Por isso, é muito difícil para eles suportar a solidão. A maioria dos missionários que sofre com depressão, por exemplo, enfrenta incompreensão e trava uma batalha árdua e solitária para superar a dor.

Este livro tem como objetivo ajudar as igrejas e agências brasileiras a compreender melhor os contextos de sofrimento em que seus missionários atuam e motivá-las a oferecer mais cuidado e apoio adequados a fim de reduzir as taxas de retorno prematuro do campo.

A primeira parte aborda o sofrimento na vida de Jesus e de Paulo, e a forma como eles prepararam seus discípulos e as igrejas jovens para enfrentarem o sofrimento. A segunda descreve alguns contextos atuais de sofrimento em que os missionários e suas famílias estão inseridos. A terceira apresenta sugestões de como cuidar melhor dos missionários, tendo como base os resultados de entrevistas feitas com missionários que servem em locais onde há muito sofrimento e com líderes de agências missionárias e igrejas que enviam obreiros para esses campos. E o apêndice mostra o resultado da pesquisa entre os próprios missionários.

Que as páginas a seguir nos ajudem a compreender o sofrimento que os missionários enfrentam e a perceber como ele está relacionado à missão cristã. Que outros se animem a responder aos desafios existentes, para que Cristo se torne conhecido e mais pessoas possam ter sua esperança de vida renovada.

Parte 1

Sufrimento e missão — modelos bíblicos

Antes de nos atentarmos para o que os escritores contemporâneos têm a dizer sobre dor e sofrimento, precisamos observar as Escrituras. Esta primeira parte aborda especificamente os aspectos do sofrimento na vida de Jesus e de Paulo, a forma como eles reagiram e o que ensinaram a seus discípulos sobre esse tema. Mostra o que podemos aprender com eles e como podemos ser desafiados em relação ao nosso próprio testemunho e ministério missionário.



capítulo um

A VIDA DE JESUS



AS PERGUNTAS RELACIONADAS AO SOFRIMENTO NA VIDA e no ministério dos cristãos hoje precisam estar conectadas à compreensão bíblica do sofrimento de Cristo, que sofreu pelos seres humanos e por sua criação a fim de restaurá-los da corrupção para a glória de Deus. Aceitamos com gratidão esse sofrimento. Ninguém é chamado a sofrer da mesma maneira – este foi o preço que somente ele poderia pagar: a culpa de nossos pecados para a redenção completa. Mas Jesus nos chama a negarmos a nós mesmos, a seguirmos o seu caminho para a cruz, a sermos objetos do ódio do mundo e a sofrer; não para pagar pelos nossos pecados, mas para testemunhar sobre a nova realidade do seu reino.

Esse testemunho provoca reação daqueles que estão nas trevas, que pertencem ao sistema vigente desse mundo, rebelde à vontade de Deus. Sofreremos por sermos seus seguidores. O próprio Jesus sofreu quando aceitou nossa natureza, enfrentou nossas tentações, viveu nossa tristeza e dor, levou sobre si nossos pecados e morreu nossa morte. Sua identificação total em amor significou sofrimento.

Jesus veio para servir, para amar e dar a si mesmo. Mas isso não é motivo de lamento, pois esta era a única maneira

pela qual a humanidade e a criação poderiam ser restauradas. Jesus assumiu as limitações e fraquezas de um ser humano: se tornou dependente de seus pais, vulnerável a ameaças violentas, a sede e fome, ao cansaço e exaustão e a relacionamentos difíceis. Por exemplo, Jesus teve de fugir para o Egito com seus pais quando ainda era pequeno, vivendo como refugiado em terra estrangeira.

O Messias que restaura os pobres

Maria compreendeu a vinda do Messias como Deus agindo contra o orgulho dos poderosos e dos ricos e se colocando ao lado dos humildes e famintos; uma identificação clara com os pobres e insignificantes deste mundo. Deus inverte os conceitos humanos de grandeza e insignificância ao destituir os opressores, os orgulhosos e os ricos de seu poder e autossuficiência e exaltar o pobre, o humilde e o faminto, ou seja, todos os que se reconhecem necessitados. Em outras palavras, Deus vira de ponta-cabeça as estruturas sociais (Lc 1.51-53).

Apesar de impressionados com seu ensino, os ouvintes de Jesus não queriam aceitar suas afirmações ou reconhecer seu ministério. Em sua leitura e aplicação da profecia de Isaías 61.1-2, Jesus enfatizou: boas novas para os pobres, incapacitados de resolver seus problemas por falta de recursos; liberdade para os cativos, que não podiam ir aonde quisessem ou precisassem ir; libertação para os oprimidos, quaisquer que fossem as causas de sua opressão que os destituíssem de sua dignidade e valor; e o ano do favor do Senhor, o jubileu, com a devolução das propriedades aos seus donos por direito (Lv 25.10).

A tentação no deserto

As palavras de Deus no batismo de Jesus – “Tu és o meu Filho amado, em ti me agrado” – unem os temas de entronização

(Sl 2) e servo sofredor (Is 42). Depois de ter sido batizado por João, Jesus foi levado para o deserto pelo Espírito, onde jejuou durante quarenta dias e foi tentado pelo diabo três vezes (Mt 4.1-11; Mc 1.12-13; Lc 4.1-13).

1. “Manda esta pedra transformar-se em pão” (Lc 4.3), ou seja: Alimente as multidões e você será rei. A tentação era a de não se submeter às limitações da existência humana. Seria um ato de insubordinação e falta de fé. Jesus decidiu esperar a provisão do Pai, ele aceitou viver dentro das limitações dos seres humanos. “Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus” (Mt 4.4).
2. “Se me adorares, tudo será teu” (Lc 4.6). Jesus discerniu o caráter idolátrico da fome de poder político. Era a tentação de fundar o reino messiânico, em aliança com os poderes das trevas. Muitos sucumbem à tentação de atingir seus objetivos por meio da violência e manipulação, em vez do amor autossacrificial.
3. “Joga-te daqui para baixo...” (Lc 4.9). Essa tentação estava relacionada à afirmação do reinado divino; ele foi desafiado a não confiar em Deus, e sim tentá-lo, para ver se ele manteria as suas promessas. Foi a tentação de evitar o caminho mais difícil, de dar uma demonstração de poder. Mas Jesus escolheu o caminho do sofrimento e da morte, e não o da aclamação popular.

A tentação é parte do sofrimento humano. Temos um inimigo que está presente quando nos sentimos fracos e desanimados, e que nos oferece uma saída fácil; ou quando recebemos elogios e reconhecimento, ele nos estimula a nos sentirmos autossuficientes. Isso leva os cristãos em missão a erros sérios ou ao pecado, luta, pressão e sofrimento.

Previsão de sua morte

Jesus sabia que precisava sofrer para cumprir as Escrituras, e repetidas vezes mostrou saber que sofreria uma morte violenta e prematura; também sabia que sua morte tinha um propósito (Jo 12.27; 13.1).

Nos Evangelhos Sinópticos

O sofrimento de Jesus é anunciado várias vezes nos Evangelhos Segundo Marcos (8.31; 9.12, 31; 10.32-34) e Mateus (16.21; 17.22-23; 20.17-19). Depois da confissão de Pedro, Jesus começou a falar a seus discípulos que ele iria sofrer, seria rejeitado, morto, e ressuscitaria três dias depois. Ele seria entregue aos gentios, que iriam zombar dele, cuspir nele, açoitá-lo e crucificá-lo.

O texto de Lucas 5.35 sugere morte violenta, e Lucas 9.21-22 ensina que seu sofrimento não era acidental, e sim um imperativo divino. A cruz era parte da vocação de Jesus, a alternativa política para o quietismo e a insurreição.

Em Lucas 9.51 e 12.50, Jesus está decidido a ir a Jerusalém e não tenta escapar do sofrimento: “Mas tenho que passar por um batismo, e como estou angustiado até que ele se realize”. Jesus estava consciente de que iria passar por uma grande provação (cf. Lc 13.32-33; 17.25; 18.31-34).

No Evangelho Segundo João

Há sete referências para a “hora” em que ele iria deixar este mundo e voltar para o Pai. Essa hora estava no controle do Pai; apesar de os judeus terem tentado, sem sucesso, colocar as mãos nele, só o conseguiram quando era chegada a sua hora (Jo 7.25-44). A glória de Jesus seria vista em sua limitação como ser humano e na auto-humilhação de sua encarnação (Jo 1.14). Ele se referiu à sua morte como um evento pelo qual ele e seu Pai seriam glorificados. O Pai e o Filho revelaram seu amor

sacrificial na cruz. Apenas depois de crucificá-lo, os homens conseguiriam compreender quem era Jesus. João usa a expressão “ser levantado” ao fazer referência à cruz, porque sua maior glória consistia em aceitar a vergonha e humilhação da cruz (Jo 8.28; 13.31-33). Jesus glorificou o Pai ao fazer a sua vontade; ao aceitar a cruz, ele se tornaria uma bênção para muitos (Jo 16.16-22; 17.1-5). Jesus explicou a Nicodemos que ele precisava ser levantado a fim de oferecer vida eterna. Assim como a serpente de bronze foi um sinal da graça perdoadora de Deus, Jesus seria levantado para oferecer perdão e cura eternos (Jo 3.14-15). Depois de Jesus ter sido levantado da terra (indicação do tipo de morte que ele sofreu), “todos os homens”, e não apenas os judeus, foram atraídos a ele (Jo 12.23-32).

Ao expulsar os vendedores do templo, uma ação que provocou reações fortes e questionamentos quanto à sua autoridade, Jesus respondeu: “Destruam este templo, e eu o levantarei em três dias”. Jesus afirmou que a maneira ritual usada pelos judeus para se aproximarem de Deus não era mais válida e que ele abriria um novo caminho de acesso a Deus (Jo 2.19-22).

Jesus refere-se a si mesmo como o pão da vida, ensinando a seus ouvintes que eles precisavam comer sua carne e beber o seu sangue. Oferecer sua carne significa sua morte voluntária, para que o mundo tivesse vida (Jo 6.48-57). A primeira preocupação do pastor é com a ovelha, não com sua própria vida. O bom pastor foi morto porque se ofereceu como sacrifício voluntário (Jo 10.11-18).

No contexto da visita de alguns gregos que queriam vê-lo, Jesus fala sobre o grão de trigo que precisa morrer a fim de produzir vida (Jo 12.24). Esses gregos foram os primeiros de muitos que viriam de todas as partes do mundo para receber nova vida. Mas antes, Jesus tinha de morrer. No mundo natural e espiritual, a vida vem através da morte. A morte não é uma tragédia, e sim um triunfo.

Luta no Getsêmani

Jesus começou a se sentir “aflito e angustiado” (Mc 14.33). Jesus orou: “Meu Pai, se for possível, afasta de mim este cálice; contudo, não seja como eu quero, mas sim como tu queres” (Mt 26.39). “Estando angustiado, ele orou ainda mais intensamente; e o seu suor era como gotas de sangue que caíam no chão” (Lc 22.44). Em sua segunda oração ele pediu: “Meu Pai, se não for possível afastar de mim este cálice sem que eu o beba, faça-se a tua vontade” (Mt 26.42), e um anjo veio fortalecê-lo. Era o cálice da agonia das trevas espirituais, de se tornar o pecado do mundo e enfrentar o juízo divino pelos nossos pecados. Jesus decidiu beber o cálice que o Pai havia lhe dado. No Getsêmani, foi travada a batalha mais importante do universo. Se ele falhasse tudo estaria perdido; em seu triunfo, foi garantida a vitória.

Julgado por Pilatos

Nas províncias romanas, a pena capital era uma prerrogativa do governo, mas Roma abriu uma exceção, que permitiu que os judeus punissem aqueles que violassem seu templo. Se Jesus fosse morto pelos judeus teria sido por apedrejamento. Mas Ele foi “levantado” – uma expressão que se refere à morte numa cruz (Jo 18.28-40; 19.1-16).

A discussão entre Pilatos e Jesus sobre a natureza da verdade é relevante. Jesus define o reino em termos de verdade, que está próxima à ideia de realidade, de um relacionamento genuíno com Deus, e de verdade e justiça nos relacionamentos interpessoais. Pilatos ficou impressionado com o silêncio de Jesus e viu que não tinha base para acusá-lo de algum crime. Ordenou que ele fosse açoitado (um açoite era um chicote de tiras de couro com pedaços de osso ou chumbo em suas extremidades). Por causa da pressão da multidão, Pilatos libertou Barrabás e entregou Jesus para ser crucificado. Judas entregou

Jesus aos judeus (motivado pela cobiça); eles o entregaram a Pilatos (por inveja); e Pilatos entregou-o aos judeus (por covardia). Porém, na esfera divina, o Pai o entregou, ofertou-o, e Jesus se entregou para morrer por nós. Jesus experimentou sofrimento físico, relacional e emocional, ao levar sobre si a condenação que merecíamos para que fôssemos libertos (Mt 27.11-26; Mc 15.1-20; Lc 23.3-25).

Crucificado e morto

Jesus foi preso pelos sacerdotes e executado por Roma como se fosse um líder popular extremamente perigoso. Simão foi forçado a carregar a sua cruz e as mulheres de Jerusalém choraram por ele. Jesus respondeu: “Filhas de Jerusalém, não choram por mim; chorem por vocês mesmas e por seus filhos” (Lc 23.28). Suas palavras expressam compaixão, e não condenação. Eles o crucificaram, dividiram suas roupas lançando sortes. A acusação escrita em latim, grego e hebraico era: “Este é Jesus, o Rei dos Judeus” (Mt 27.37), mostrando que ele era considerado uma ameaça para o Império Romano (Mt 27.32-44; Mc 15.21-32; Lc 23.26-43; Jo 19.16-30).

Jesus orou: “Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem” (Lc 23.34). Ele orou por seus inimigos e teve compaixão deles (Lc 6.27-35). Lucas 23.42-43 registra o arrependimento do ladrão que orou: “Lembre-se de mim quando entrares no teu reino” e a resposta de Jesus: “Hoje mesmo estarás comigo no paraíso”. Outros o insultaram: “Salvou os outros, mas não é capaz de salvar a si mesmo [...] Desça agora da cruz [...] Que Deus o salve agora, se dele tem compaixão, pois disse: ‘Sou o Filho de Deus!’” (Mt 27.39-43). Na realidade, Jesus não poderia salvar os outros e também salvar a si mesmo.

Da hora sexta à hora nona, o céu ficou escuro. Não foi um eclipse solar, pois era dia de lua cheia. Na hora nona Jesus

exclamou: “*Eloi, Eloi, lama sabachtani*” (Mt 27.46), expressão do profundo horror que lhe causava a separação de seu Pai. A escuridão foi um símbolo das trevas espirituais, da exclusão absoluta da luz da presença de Deus. Jesus estava sozinho e abandonado por Deus. Foi uma verdadeira separação entre o Pai e o Filho, uma ação voluntária de ambas as partes. A exclamação de Jesus expressa a dor de ter sido abandonado pelo Pai. Jesus foi abandonado para que nós nunca sejamos abandonados (Hb 13.5).

Jesus bradou em alta voz: “Está consumado” (Jo 19.30), expressando sua resposta à vontade do Pai e anunciando que a redenção do mundo estava completa. Ele assumiu, de livre vontade, o julgamento pelos nossos pecados, movido pelo seu amor por nós. Ao final, ele disse: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23.46). A cortina do templo se rasgou de alto a baixo. A barreira do pecado que separava o homem de Deus foi derrubada, foi aberto um novo caminho de acesso a Deus.

O significado do sofrimento de Jesus

O Cristo crucificado é o Cristo do pobre, aquele que tomou a forma de servo para estar com eles e amá-los. O chamado para seguir a Jesus está associado ao seu sofrimento e, portanto, segui-lo significa negar a si mesmo, tomar a sua cruz e compartilhar do seu sofrimento. O teólogo alemão Jürgen Moltmann afirma que “O sofrimento do amor não tem medo do que é doente e feio, mas o aceita [...] a fim de curá-lo”.¹ Jesus sofreu e foi rejeitado. Alguém pode sofrer e ser admirado, mas a rejeição elimina a dignidade do sofrimento. A cruz fala sobre morrer como um pária. Ser crucificado com Cristo significa perseverar apesar de não receber nenhum apoio.

Jesus morreu por nossos pecados, recebeu a penalidade que nós merecíamos. A cruz ensina que nossos pecados são tão

sérios, que a única saída foi Deus levá-los sobre si, em Cristo, a fim de oferecer-nos perdão. É preciso compreender a gravidade do pecado e a santidade de Deus. A cruz é a expressão da misericórdia e da justiça divinas, o lugar onde, em santo amor, Jesus pagou por nossos pecados.

O pano de fundo principal da cruz não é apenas nosso pecado, é também a reação justa de um Deus santo contra essas coisas. Assim como a graça de Deus está relacionada à sua atividade pessoal graciosa, a ira se refere à sua hostilidade pessoal contra o pecado. Mas isso não diminui seu amor pelo pecador. Precisamos compreender a santidade de Deus e a nossa pecaminosidade, para compreender a necessidade e a glória da cruz.

Por causa do grande amor de Deus por nós, Cristo veio para nos salvar (Lc 1.78; Tt 2.11). Deus não desejava agir em amor à custa de sua santidade, ou em santidade à custa de seu amor. Ele satisfêz seu amor santo ao morrer nossa morte e suportar nosso julgamento. Nosso substituto não foi apenas Cristo, nem apenas Deus, mas Deus em Cristo. Ao entregar seu Filho, Deus entregou a si mesmo. O amor divino triunfou sobre a ira divina por meio do autossacrifício. Amor é Jesus dar sua vida por nós; amor é Deus enviar seu Filho para morrer por nós.

Resumindo, Deus deu seu Filho e Jesus deu sua vida para nos libertar como pessoas e como sociedade, criando uma nova comunidade, que deve aprender a viver de acordo com seu exemplo e ensino. Ele sabia que o custo seria alto, mas estava disposto a pagar o preço e se tornar o servo sofredor de Deus. A vida de Jesus foi marcada pelo sofrimento e rejeição. Isso não fez dele um objeto de pena, pois ele sempre esteve no controle e se deu de forma consciente e voluntária por causa de seu grande amor por nós. Para nos libertar, Jesus teve de enfrentar nossas algemas e opressão, nossos pecados pessoais e também as estruturas sociais opressoras. Ele confrontou o

pecado de maneira firme e os pecadores com paciência. Trouxe nova vida por meio de sua morte e sofrimento e preparou o caminho para que pudéssemos seguir seus passos, se quisermos também ser instrumentos da graça restauradora de Deus.